

## A NOITE COAXAMOS

Duílio Gomes

(para tia Carmita, que achava graça nos meus contos: com o meu amor)

Depois do jantar a mãe recolheu os pratos e o pai ligou a televisão. O menino limpou a boca na manga da camisa e foi para a varanda. Ficou olhando o fundo escuro da noite, além do alpendre e do jardim. No céu, apenas algumas estrelas. O inverno começava. Como era filho único, o menino se sentia solitário. Gostaria de ter muitos irmãos e adejar pelos campos, no verão, como um deus do calor e da preguiça. Às vezes sonhava que liderava um bando de crianças ruidosas. Mas acordava sempre sozinho em seu quarto junto ao solitário esplendor da manhã.

Desceu as escadas do alpendre, abriu o portão e ficou parado junto ao muro. Atrás de si, o murmúrio da televisão e as painéis entrecrocadas na cozinha. Na frente, o túnel escuro da noite com o ruído errante dos insetos. Moravam na periferia da cidade, bem afastados de todo mundo. Para ir à cidade desciam a pé meio quilômetro e pegavam o coletivo no seu último ponto.

A noite ardia de insetos e escuro. E o menino começou a caminhar dentro dela. Lhe dera uma súbita vontade de caçar rãs, era um passatempo a que se entregava com prazer. Às vezes o pai ia junto e voltavam rindo, carregados de moles rãs esperneantes.

O menino, apesar de sentir frio, enfiou os pés descalços na lama, andando ao longo do riacho. Arranhava-se nos espinhos, sem perceber, abaixando a cabeça quando os galhos das árvores

eram baixos. Ali era o paraíso das rãs, o ninho esponjoso dos girinos, a casa aquática de deliciosos anfíbios que ele agora sentia pulando entre seus pés com suas línguas retráteis, suas frias coxas enoveladas. Palpitava em tudo o eco dos coaxos. Lindezas, pensou o menino muito contente. Agachou-se, puxou uma rã pela perna. Soltou-a de novo. Pegou outra. Tinha muita técnica, talento e arte para pegar rãs. Era o seu esporte favorito. E único.

Segura pelas patas posteriores, a rã se debatia em seu peito, espargindo lama e intervalados lamentos. Então o menino sentiu. Foi muito rápido, coisa de um segundo — um silêncio de sombras, um vazio em repouso, uma luz magnética como um caldo, uma pressão de elevador chegando ao solo. A rã saltou de sua mão e na sua frente, não muito perto, mas na sua frente estava a coisa. Era um prato de metal do tamanho de um carro com uma clara luz azul e um ruído doce de motor. Parecia um bicho pastando com inocência, ruminando. O menino não sentiu medo, apenas curiosidade. Sabia o que era aquilo. Era um disco voador. Recebeu paralizado a corrente de luz e frio. Seus olhos brilharam no escuro, ele podia perceber, brilharam cheios de radiação. Alguém tentava lhe passar uma mensagem. Ele não entendia bem o que era, mas era uma mensagem, térmica, cifrada, carregada de tensão. O menino não podia tirar os olhos da coisa que agora se movia em sua direção. Então ele sentiu um pouco de medo, mas não muito medo. Dois olhos duros, adamantinos, o fitavam de dentro da coisa. Em sua volta não havia o mundo se manifestando. Havia a conspiração, o entendimento. Como a idade da sombra, uma coisa antiga enfumada de luz e gelatina, bronze e mercúrio, e ao mesmo tempo nova, muito novíssima. E então o encanto se quebrou, houve uma espécie de vácuo à sua volta, as rãs voltaram a pular e a coaxar, o mundo se mexeu, seus músculos se dilataram e o menino permaneceu na frente do nada com uma espécie de saudade e febre. Olhou em sua volta, para o céu. A coisa se fora.

Em casa ele contou com a maior naturalidade — vi um disco voador. Seus pais o olharam sem entender. E então ele

repetiu: vi um disco voador perto do riacho, estava parado na minha frente e brilhava. Era redondo, tinha motor e alguém dentro. Os pais balançaram a cabeça e se limitaram a sorrir. Agora vai dormir, meu bem, falou a mãe. O pai deu-lhe um tapinha nas costas — e vai lavar os pés imundos.

Como esse esse menino tem imaginação, comentou o homem para a mulher. Os dois sorriram e balançaram a cabeça. O homem desligou a televisão. Espreguiçaram e foram dormir.

No quarto, o menino levitava. Havia uma palavra em sua cabeça — **klyckoj**. A janela do quarto estava aberta. E foi por ali que.